

JOSÉ SARAMAGO

O ANO DA MORTE
DE RICARDO REIS

Português de 12.º ano

Educação Literária

José Saramago

- 1984
- "Escrevi o romance para resolver o choque entre uma **admiração** e uma **rejeição** sem limites."

•Entrevista a Adelino Gomes, *Público*, 29/05/2002



Aspetos paratextuais

- **Contracapa, 1**

“Ricardo Reis nasceu em 1887 (não me lembro do dia e do mês, mas tenho os algures), no Porto, é médico e está presentemente no Brasil.”

- Fernando Pessoa

(Carta de 13 de janeiro de 1935)

Ricardo Reis é uma personagem da ficção.

Aspetos paratextuais

- **Contracapa, 2**

“Ricardo Reis regressou a Portugal depois da morte de Fernando Pessoa.”

- José Saramago

Ficção da ficção: Saramago dá “vida” ao heterónimo e fá-lo regressar do Brasil.

Epígrafes



- “**Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo.**”
 - Ricardo Reis
- “**Escolher modos de não agir** foi sempre a atenção e o escrúpulo da minha vida.”
 - Bernardo Soares
- “**Se me disserem que é absurdo falar assim de quem nunca existiu,** respondo que também não tenho provas de que Lisboa tenha alguma vez existido, ou eu que escrevo, ou qualquer coisa onde quer que seja.”
 - Fernando Pessoa

Saramago: um escritor comprometido

- “Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo.”
• Ricardo Reis
- “Pergunto-me como é possível ver a injustiça, a miséria e a dor sem sentir a obrigação moral de mudar o que se vê.”
• José Saramago

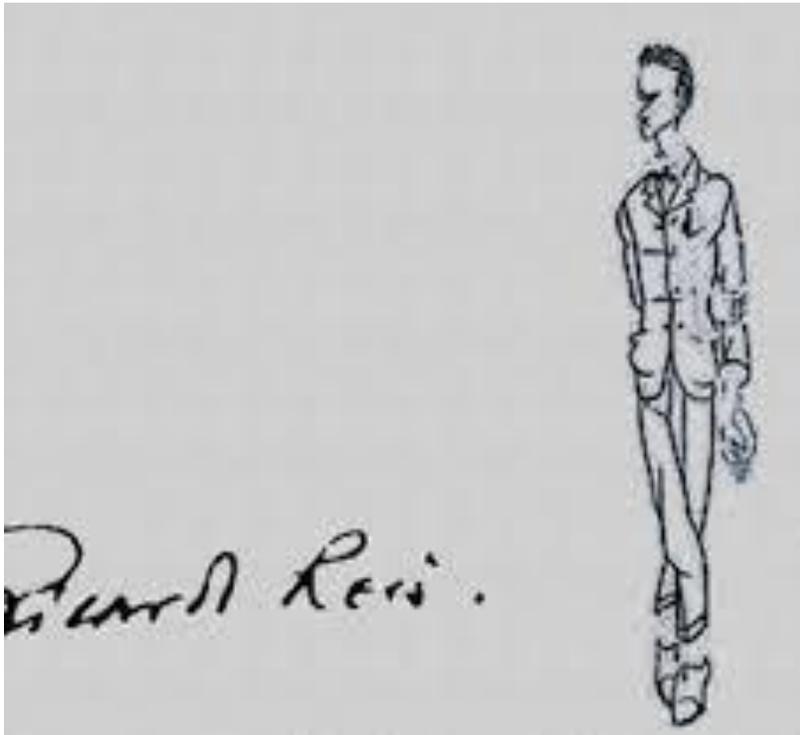


- Que **desafios** nos coloca este romance saramaguiano?



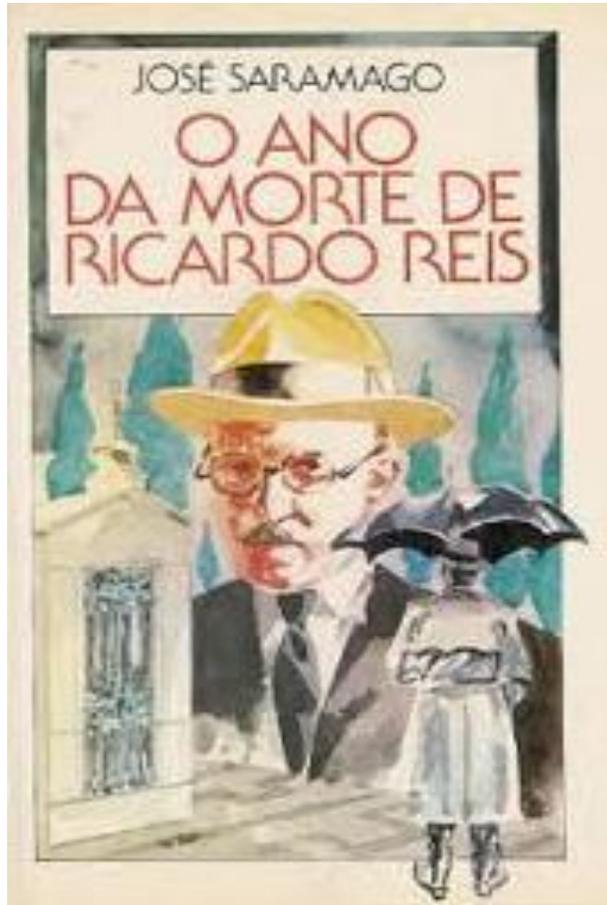
- O **conhecimento** da época histórica, nacional e internacional;
- A **singularidade da intriga**: uma personagem literária que ganha vida e regressa a Portugal, onde se encontra com o seu criador recentemente falecido;
- O conhecimento da **poesia pessoana** (sobretudo da poética de Ricardo Reis);
- **Polifonia do narrador**:
 - **múltiplas referências políticas, culturais, religiosas e literárias** (intertextualidade com Camões, Eça, Cesário Verde...);
 - recurso sistemático à **ironia** e ao **sarcasmo**.

O heterónimo clássico



- Domínio das paixões
- Consciência da passagem do tempo: efemeridade da vida; inevitabilidade da morte
- Ataraxia e apatia
- *Carpe diem* (prazer moderado)
- Imitação da Natureza
- Aceitação das leis do Destino
- Busca da *aurea mediocritas*

Capítulo 1



Representações do século XX:

- o espaço da cidade
- o tempo histórico
- os acontecimentos políticos

Intertextualidade: o diálogo da arte

- "Eis aqui, quase cume da cabeça
De Europa toda, o Reino Lusitano,
Onde a terra se acaba e o mar começa,
E onde Febo repousa no Oceano."

Os Lusíadas, C. III, est. 20

- **“Aqui o mar acaba e a terra principia.”**

• José Saramago

Lisboa, Portugal

“Chove sobre a **cidade pálida**, as águas do rio correm turvas de barro, há cheia nas lezírias. **Um barco escuro sobe o fluxo soturno**, é o Highland Brigade que vem atracar ao cais de Alcântara. [...] Por trás dos vidros embaciados de sal, os meninos espreitam a **cidade cinzenta**, urbe rasa sobre colinas, como se só de casas térreas construída, por acaso além um zimbório alto, uma empena mais esforçada, um vulto que parece ruína de castelo, salvo se tudo isto é ilusão, quimera, miragem criada pela movediça cortina das águas que descem do **céu fechado**. [...] **As crianças estrangeiras, a quem mais largamente dotou a natureza da virtude da curiosidade, querem saber o nome do lugar [...]. Por gosto e vontade, ninguém haveria de querer ficar neste porto.**”

Cf. “Só o ter flores pela vista fora”: “Do barco escuro no soturno rio” (Ricardo Reis)

Cidade/país silencioso e triste

“São poucos os que vão descer. [...] mas é a **cidade silenciosa** que os assusta, **porventura morreu a gente nela** e a chuva só está caindo para diluir em lama o que ainda ficou de pé. Ao comprido do cais, outros barcos atracados luzem **mortiçamente** por trás das vigias **baças**, os paus-de-carga são ramos esgalhados de árvores, **negros**, os guindastes estão **quietos**. É domingo. Para além dos barracões do cais começa a **cidade sombria**, recolhida em frontarias e muros, por enquanto ainda defendida da chuva, acaso movendo uma **cortina triste** e bordada, olhando para fora com **olhos vagos**, ouvindo gorgolhar a água dos telhados [...].”

Ricardo Reis e o bagageiro: diferenças sociais

“Um homem **grisalho, seco de carnes**, assina os últimos papéis, recebe as cópias deles, pode-se ir embora, sair, continuar em terra firme a vida. **Acompanha-o um bagageiro cujo aspecto físico não deve ser explicado em pormenor**, ou teríamos de prosseguir infinitamente o exame, para que não se instalasse a confusão na cabeça de quem viesse a precisar de distinguir um do outro, se tal se requer, **porque deste teríamos de dizer que é seco de carnes, grisalho, e moreno, e de cara rapada**, como daquele foi dito já, contudo tão diferentes, **passageiro um, bagageiro outro**. Carrega este a mala grande num carrinho metálico, as duas outras, pequenas em comparação, **suspendeu-as do pescoço com uma correia que passa pela nuca, como um jugo ou colar de ordem.**”

Subserviência, pobreza, medo...

- **Bagageiro:** “[...] e na mão direita estendida viu pousar dez xelins, moeda que mais do que o sol brilhava. **Quer retribuir a excessiva generosidade, ao menos não ficar em dívida de palavras**, por isso acrescenta informações que lhe não pediram, junta-as aos agradecimentos que não lhe ouvem [...]”.
- **Motorista:** “Dezasseis anos são muitos, vai encontrar grandes mudanças por cá, e com estas palavras **calou-se bruscamente** o motorista. [...] Não vai ter a sorte do bagageiro, não haverá outras distribuições de pepitas, porque entretanto trocou o viajante na receção algum do seu dinheiro inglês, não que a generosidade nos cansé, mas uma vez não são vezes, **e ostentação é insulto aos pobres.**”
- **Pimenta** (moço); **Salvador** (gerente)



Reis instala-se no Hotel Bragança

- Instala-se no **quarto 201**
- Desarruma as malas
- Arruma os papéis, onde estão os seus versos: **“Mestre, são plácidas todas as horas que nós perdemos [...] Vivem em nós inúmeros [...]”**
- Desce à sala de jantar; avista o Dr. Sampaio com a filha, Marcenda (rapariga de “mão morta”), “hóspedes habituais”
- **Leitura dos jornais: “questão de me pôr em dia com a pátria”**



Leitura dos jornais: retrato do País

- **Política**, condições atmosféricas, anúncios publicitários, espetáculos, doenças, **miséria social**:

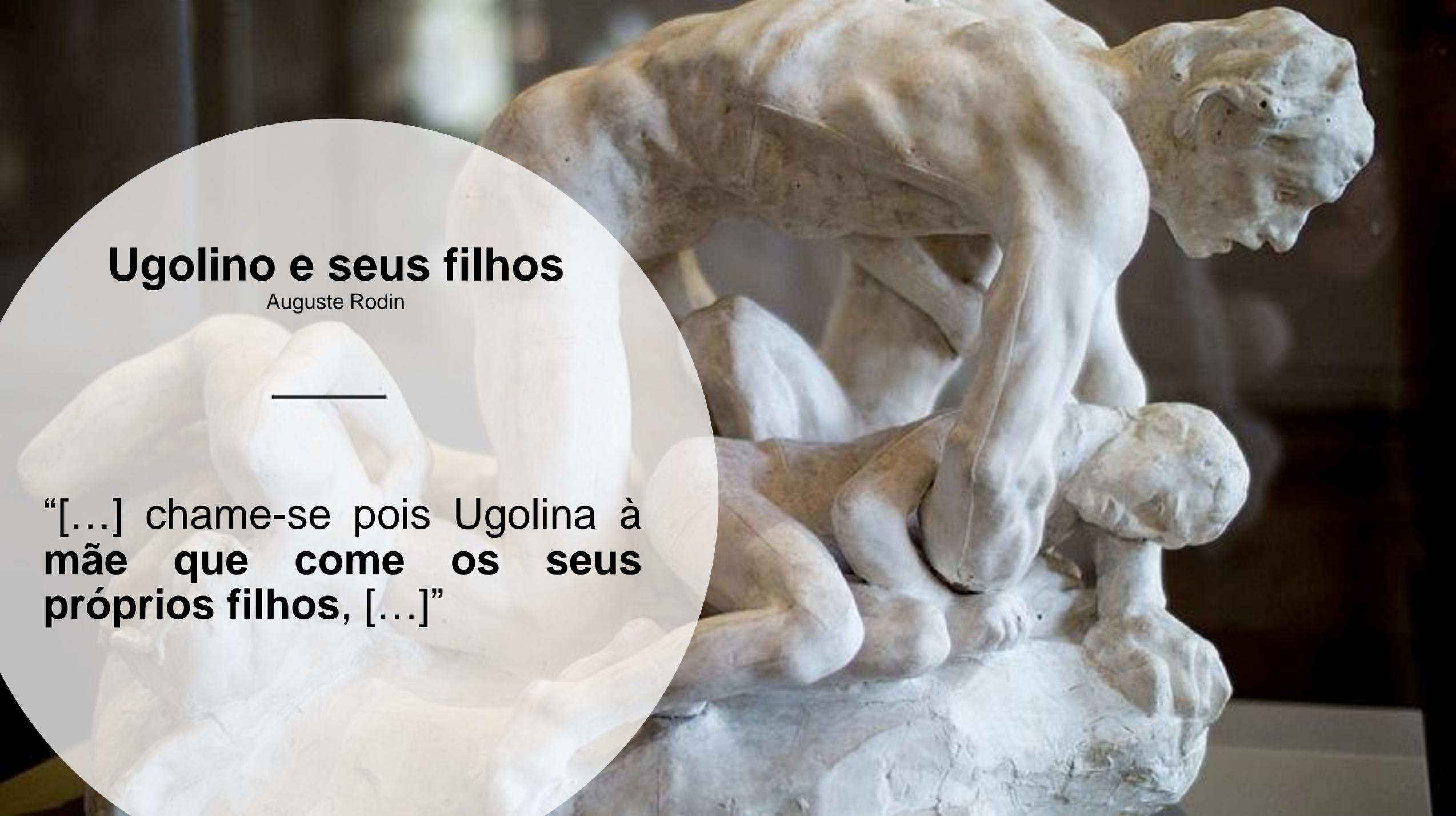
“[...] **bodos aos pobres por todo o país de cá**, ceia melhorada nos asilos, que bem tratados são em Portugal os macróbios, bem tratada a infância desvalida, florinhas da rua [...]”

- **A cadela canibal**

Ugolino e seus filhos

Auguste Rodin

“[...] chame-se pois Ugolina à
mãe que come os seus
próprios filhos, [...]”



A cadela Ugolina: metáfora do regime

“[...] chame-se pois Ugolina à **mãe que come os seus próprios filhos**, tão desnaturada que não se lhe movem as entranhas à piedade quando com as suas mesmas queixadas rasga a morna e macia pele dos indefesos, os trucida, fazendo-lhes estalar os ossos tenros, e os **pobres cãezinhos, gementes, estão morrendo sem verem quem os devora, a mãe que os pariu, Ugolina não me mates que sou teu filho.**”

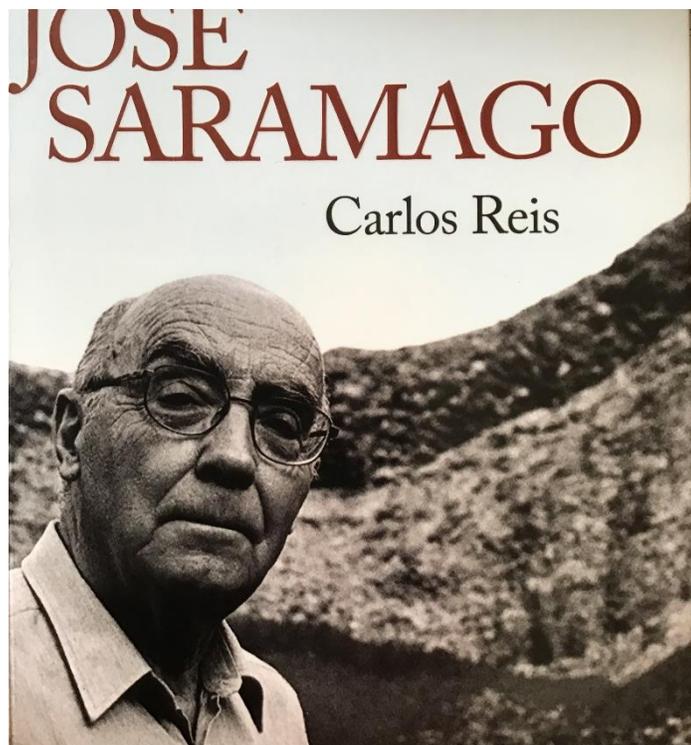
A folha que tais horrores explica **tranquilamente cai** sobre os joelhos de Ricardo Reis, **adormecido**. Uma rajada súbita fez estremecer as vidraças, a chuva desaba como um dilúvio. **Pelas ruas ermas de Lisboa anda a cadela Ugolina a babar-se de sangue, rosnando às portas, uivando em praças e jardins, mordendo furiosa o próprio ventre onde já está a gerar-se a próxima ninhada.**”

Ausência de liberdade

- Lisboa é revisitada sob o **olhar crítico e sarcástico** de Saramago
- **Ditadura salazarista**; Estado Novo
- Tempo de opressão: **PVDE/PIDE** (tortura, medo), **Censura**; manipulação do pensamento; animalização do ser humano
- **Assimetrias sociais** (bodos, fome, emigração, escravização laboral...)
- O romance revisita a História, fazendo-a dialogar com a Ficção; indaga **silêncios e ausências**



Denunciar, porquê? Compromisso, cidadania



“As **questões** que me preocupam são questões que, queiram as pessoas reconhecê-lo ou não, **a todos preocupam**. E assim, quando vou falar das minhas preocupações, **vou acordar, se estão adormecidas, as preocupações dessas outras pessoas.**”

• José Saramago

Desafio de leitura:

“Não se resigne; indignemo-nos.”

• José Saramago

